

EDITOR PROPRIETARIO
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A MULHER ROUBADA



FC-815

Leandro Gomes de Barros

Proprietário Filha de José Bernardino da Silva

A Mulher Roubada

Leitor, eis a minha história
não sei se alguém acha boa;
no principio verá logo
se será história à toa,
escrevo um caso que deu-se,
na cidade de Lisboa

Trata de Minerva Alheiro
uma senhora casada,
nascida em Panafiel,
em Vila Rica criada,
e na cidade do Porto,
foi ela lá educada

Casou-se com Paulo Alheiro
homem também educado,
porem vivia no mar
aonde era empregado,
custava a tocar em casa
devido o viver vexado

O Paulo com a mulher
tinha ambos consultado
ele trabalhar seis annos,
e juntar o ordenado
e irem morar numa quinta
que Minerva tinha herdado

Minerva tinha uma áia
que ajudou-a criar
quando Minerva casou
ela não quis a deixar
Minerva também por si,
ela não quis desprezar

Morava em uma quinta
quase dentro da cidade,
a vizinhança dali,
toda lhe tinha amizade
ela costurava muito,
roupas daquele arrebalde

Paulo trouxera de Cuba
um mulato alaranjado,
e botou ele na horta
para lá ser empregado
limpar a horta e plantar
e fazer qualquer mandado

Um dia Minerva achou
que o mulato era atrevido
faltou-lhe com o respeito
por ela repreendido
dizendo Minerva e ele
que dava parte ao marido.

Chamava-se esse individuo
Aureliano Mulato
por andar muito macio
alguns chamavam-lhe Gato
esse nome para ele
quadrava como de lato,

Minerva um dia o mandou
a rua comprar semente
de alface, couves e nabos

que era necessariamente
mas recomendou a ele
a viagem muito urgente

Prontamente ele saiu
tagarelando uma lã
encontrou um estrangeiro
dizendo: que estava à tã
porque era americano
e não conhecia Lisboa

Pediu-lhe para levar
a uma hospedaria
porque ele era estrangeiro
só podia andar com guia
e levasse em casa seria
que depois o pagaria

Passaram pelo portão
do dilo Paulo de Alheiro
Minerva estava nas quintas
plantando flor num canteiro
o americano viu-a
estando por traz dum pinheiro

Então exclamou consigo:
oh! que mulher elegante
os olhos dela parecem
o reflexo dum brilhante
é impossível que haja
criatura tão elegante!

A boca tão encarnada,
as tranças como um retrão
a cintura é um anel
deve ter bonita voz
se eu pudesse ter a dita
de conversarmos a sós!

Disse o mulato a Minerva
 ir a sua hospedaria,
 levar um americano
 que nada ali conhecia,
 e então lhe prometeu,
 que com pouco voltaria

O maldito americano
 não esqueceu mais Minerva,
 fez do seu nome uma coisa
 que a gente bota em conserva
 um objeto de luxo
 que o dono bota em reserva

Fazia calculos consigo:
 como hei de conquistá-la?
 que fligimento usaria
 para hoje visitá-la?
 posso morrer cruelmente
 mas um dia hei de gozá-la

Quem sabe se esta mulher
 não teria aparecido
 para eu poder pagar,
 o que tenho cometido?
 se ela for minha desgraça,
 eu já sei que estou perdido

Então chegou no hotel
 foi muito bem recebido,
 puxou dez libras do bolso,
 fingindo-se agradecido,
 e deu-as ao portador,
 que ali o tinha trazido

O mulato muito alegre
 lhe disse: muito obrigado:
 cada uma libra daquela

era dois meses de ordenado
e por isso admirou-se
de tanto lhe terem dado

Disse ele ao mulato:
eu preciso lhe falar
mas a conversa é extensa
só pode ser de vagar
você de noite apareça
eu tenho que lhe tratar

Eu sou dono do navio
que entrou para o estaleiro
sou o dono e capitão
tenho crédito e dinheiro
farei de você feliz
se não me for traíçoelro

As onze horas da noite
o mulato lá chegou
ele ainda o esperava
tanto que alegre ficou
entrando para uma alcova
ele aí explicou

Solicitou do mulato
se Minerva era casada
então lhe disse que era
perguntou se era honrada
o mulato aí contou:
aquilo é uma janada

Disse o mulato: o marido
chama-se Paulo de Alheiro
tem trinta anos de idade
é musculoso e ligeiro
há vinte anos que vive
na vida de marinheiro

E comandante da barca
 chamada « Polo do Norte »
 o contra-mestre da barca,
 chama-se Felix Mão Forte
 é até da Irmandade,
 da Virgem da Boa-Morte

Vossa mercê vá pra lá
 diga que foi companheiro,
 e é amigo íntimo
 do dito Paulo de Alheiro,
 pois para falar com ela,
 este é o ponto certo

Porque nós estamos em março
 ele só chega em dezembro,
 a vossa mercê lhe fala
 e volta cá em setembro,
 demora-se aqui no ponto
 até o mês de novembro

Então formaram o projeto
 ele ficou animado,
 deu mais dez libras ao tal
 por ter bem lhe informado
 e disse: se eu conseguir,
 dou-lhe um dinheiro avultado

No outro dia às dez horas
 foi só, não quis companheiro
 então chegou no portão,
 perguntou a um porteiro,
 se aquela propriedade,
 era de Paulo de Alheiro

Respondeu então que era
 disse que era empregado;
 indagou se a mulher

tinha em Lisboa ficado,

— Ficou, disse o tal sujeito
e está ali no sobrado

O sujeito era o mulato
mas estava todo fingido;
de forma que esta conversa
Minerva tinha ouvido
como bem, ele dizer,
que era amigo do marido

— Faz favor dizer a ela
que lhe desejo falar?

Já que não encontro Paulo
com quem gosto de trocar
desejo conhecer ela,
que quero a cumprimentar

Minerva quis lhe mandar
dizer que estava ocupada,
sem lhe dar demonstração
de gente mal educada,
queria que se dissesse
que ela era delicada.

O mulato deu o recado
e ela disse: mande entrar
tinha aí um vizinho
que lhe viera visitar
ela foi para uma sala,
e o mandou se sentar.

— Bom dia, disse o recente

— Tenha o mesmo, cavalheiro;
perguntou ele; a senhora
é esposa de Albeiro?
um meu amigo distinto,
e muito bom companheiro

—Seu eu uma sua criada;
 —Estou-lhe muito obrigado
 dizia o facinoroso
 tremendo num fraseado:
 há 6 meses que disseram-me
 que Paulo estava casado

Minerva o interrogando:
 como se chama o senhor?
 respondeu: o meu nome
 é Pekin de Wartelôr
 eu fui colega de Paulo
 fomos de um só professor

Soube que morava aqui
 embora que ele não está
 eu vim só ver a senhora
 já que ele anda por lá
 quando ele voltar lhe diga
 que Pekin andou por cá

O maldoso estudou bem
 e depois de lhe ter lido
 honestidade e pudor
 disse a si mesmo: perdido
 esta aqui pode morrer
 mas não é falsa ao marido!

Ergueu-se e disse a Minerva:
 Licença que vou chegando
 tenho um navio no dique
 e deixei-o consertando
 só vim cá cumprimentá-la:
 e lá se retirando

—Obrigada, disse ela
 por se ter incomodado
 —Incômodo nenhum, senhora

precisando dum oriado
estou sempre às suas ordens
para servi-la me aguardo

E lhe apertando a mão
se despediu e saiu
Minerva rapidamente
uma tristeza sentiu
uma lágrima de sangue
sobre seu colo caiu

Minerva exclamou: é sangue!
já perturbando o sentido
o que acontecerá
a mim ou a meu marido?
isso será um sinal
que Paulo tenha morrido!

O miserável saiu
de todo contrariado
dizendo consigo mesmo:
meu plano foi todo errado
se o marido dela vir
fica mais atrapalhado

Chamou o mulato e disse:
deposito em sua mão
o caso mais melindroso
de mais consideração
você ganha o que exigir
se sair bem na missão

Eu tenho trinta e seis anos
tenho um grande capital
tenho seis milhões em libra
posto no banco real
oito em França, dez na Grécia
quatro aqui em Portugal

E disse: tome seis mil libras
 para o que houver precisão
 seja sagaz e ativo
 tome muita precaução
 não confie este segredo
 nem ao próprio seu irmão

Eu parto daqui a dois dias
 daqui para Noruega
 por lá eu posso saber
 onde Paulo navega
 e enquanto não matá-lo
 meu espírito não sossega

Na Noruega então soube
 que Paulo foi para o norte
 estava encalhado no gelo
 já em perigo de morte
 disse Pekin: essa nova
 me vem melhorar de sorte

E seguiu em busca dele
 achou-o quase perdido
 estava preso ao gelo
 já quase desprevendo
 se não matasse algum peixe
 talvez tivesse morrido

Paulo quando viu Pekin
 não pôde ter alegria
 o olhando mais de perto
 todo corpo lhe tremia
 o traidor quando fitou-o
 como criança sorria

Pekin sabia falar
 hebraico, alemão, inglês
 italiano e espanhol

divinamente francês
tanto que Paulo julgou
que ele fosse português

Quando ele viu Paulo, disse:
Deus o guarde cavalheiro
estava longe daqui
encontrei um companheiro
me disse que estava aqui
encalhado um marinheiro

Se lhe falta alguma coisa
eu venho bem prevenido
trago viveres para um ano
já vê que estou prevenido
passo seis meses aqui
o senhor está bem servido

Pekin disse ao paleteiro
que descesse ao porão
e prevenisse a cozinha
daquela tripulação
mandou botar o jantar
e convidou Paulo então

Pekin mandou na dispensa
ver o vinho especial
Paulo conheceu o vinho
que era de Portugal
disse: esse aqui foi feito
em minha terra natal

Pekin afirmou: foi mesmo
eu passando lá comprei;
— Saltou lá? perguntou Paulo
disse Pekin: não saltel,
a viagem foi urgente
por isso não demorei

Pekin perguntou a Paulo:
 o nome do cavalheiro?
 então o rapaz lhe disse:
 Paulo de Sales Albeiro;
 disse Pekin: eu me chamo
 Paulino de Sá Avelro

Depois de um mês e dez dias
 disse Pekin: estou doente
 desta sel que não escapo
 coubeço perfeitamente
 com esta minha moléstia
 nunca escapou um vivente

Paulo ficou muito aflito
 quando assim o viu gemer
 chamou Paulo e lhe disse:
 não posso mais escrever
 nem nova da minha morte
 minha mulher há de ter

Oh! Minervina querida
 a morte me veio privar
 os reveses da fortuna
 me proibem de gozar
 o que julguei a principio
 longos anos desfrutar!

Tu eras o objeto
 de mais gosto para mim
 mas a mão da Providência
 julgou o contrário assim
 baixou do céu um decreto
 para a morte dar-me fim!

Só Deus não admirava
 vendo esse monstro exclamar
 pobre de Paulo inocente

sem nada desconfiar
 não sabia que era uma trama
 que o traidor lhe ia armar

Disse a Paulo; escreva aqui
 uma carta a minha mulher
 e quando eu morrer remeta
 no lugar que ela estiver
 embora que exija dela,
 a quantia que quiser

O leitor veja, Pekin
 que Idéla concebeu,
 a letra do próprio Paulo
 na forma que ele escreveu,
 indo às mãos de Minerva
 era de crê que morreu

Na carta vinha o seguinte:

«adeus esposa querida
 «chegou agora os últimos,
 «momentos de minha vida
 «então escrevo-te esta carta
 «por lembrança e despedida

«O portador desta mesma
 «leva a minha embarcação,
 «promete, se não morrer
 «entregá-la a meu patrão,
 «como também esta carta
 «entregar em tua mão

«Tenho um pedido a fazer-te
 «se acaso quiser casar
 «procura um homem distinto
 «que possa estado te dar,
 «eu preferia Pekin
 «um amigo que tenho no mar

Paulo ficar sepultado
matar a tripulação
depois voltar descansado
Paulo seguiu na frente
na margem do rio passou
e Pekin que vinha atrás
bem nas costas lhe atirou,
ele caiu dentro d'água,
a correnteza levou

Pekin dizia consigo:
agora principal,
a obra está em caminho,
não sei quando acabarei,
o que havia mais custoso
eu já desembararei

Voltou ao navio de Paulo
disse que Paulo dizia,
que a tripulação jantasse
que ele lá mesmo dormia
estava enfiado da caça
voltava no outro dia

Achou tudo desculpado
se dirigiu a cozinha,
num instante envenenou
toda comida que tinha
voltou dizendo consigo,
caçada lorde esta minha!

De vinte e dois marinheiros
somente um escapou,
por ser muito experiente
por isso foi que ficou,
desconfiado do caso
foi se deitar não jantou

Quando viu a mortandade
 que no barco tinha havido
 disse consigo: fui feliz
 daquillo não ter comido
 já sei com toda certeza,
 que Paulo foi consumido

O marinho exclamou:
 foi morto o meu comandante
 foi aquele traidor
 liquidou-o num instante:
 jurou que se não morresse,
 levava a questão avante

Olhou para o lado aonde
 o barco de Pekin estava
 este já tinha saído
 ele entre si murmurava,
 pensando sem acertar,
 como ele se vingava

Pensava o velho grumete
 como havia de escapar,
 naquele lugar estranho
 quem o podia salvar?
 outra embarcação ali
 era custoso de encontrar

Determinou ir pra ilha
 a fim de ver se escapava
 e para ver se alguma caça
 ou algum peixe ali pegava,
 pedindo a Deus que mostrasse
 qualquer barco que passava

Tomou um bote e saiu
 como um ente sem sentido,
 de manhã estava chorando

ouviu um grande gemido
 quando foi ver era Paulo
 que ainda não tinha morrido
 Pekín veio ver de manhã
 se tinha alguém escapado,
 achou o barco deserto
 tudo tinha se acabado
 sorriu com um sorriso triste
 que sempre tem o malvado

Mandou levantar o ferro
 sem quase fazer manobra
 dando uma livre expansão
 no seu destino de cobra
 dizendo: estou muito perto
 de concluir minha obra

 Porem Deus é grande e justo,
 auxilia o desgraçado,
 mostra sempre ao inocente,
 o que esconde ao malvado
 Deus atrapalha o projeto,
 do mal intencionado

Então Pekín calculou
 que o projeto mais real
 era levar o navio,
 a um porto principal
 de lá remeter a carta
 com destino a Portugal

 O leitor já leu a carta
 que ele mandou escrever,
 a carta escrita por Paulo
 foi para Minerva crer,
 pois a letra do marido,
 havia de conhecer

Formulou todos os calculos
porem a idéia mais fina
foi em dizer que a mulher
se chamava Minervina
depois rapando três letras
dizendo: o nome combina

O nome de Minervina
remendou e fez Minerva
de Paulino tornou Paulo
e disse: está pronta a serva
só faltam as cartas seguirem
com pouco o correio as leva

Era uma tarde de abril
o vento soprava ligeiro
o espaço estava lindo
não tinha um só nevoeiro
quando da casa de Paulo
se aproximava um carteiro

Minerva foi-lhe ao encontro
e em completo desespero
perguntou muito vexada:
que nova traz, cavalheiro?
—São duas cartas com luto
para Minerva de Alheiro

Minerva abriu uma carta
e logo empalideceu
era uma carta de pêzames
que Pekin lhe remeteu
dizendo que o seu marido
em setembro faleceu

No estreito de Berling
topou a embarcação
estava presa no gelo

perdeu a tripulação
depois deu nele uma febre
não pode ter salvação

E eu passando por lá
vi uma bandeira içada,
chegando lá encontrei-o
com febre muito alterada
dei-lhe os remédios que tinha
e não pude alcançar nada

Depois de uns oito ou 10 dias
chegou outro companheiro
o americano Pekin
seu amigo verdadeiro
tanto que quase enlouquece
devido Paulo de Alheiro

O leitor veja que trama
tinha armado esse malvado
sendo suas as duas cartas
como foi tão bem ideado
para Minerva enganar-se
como tinha projetado

Mande na ilha de Madelra
procurar a certidão
como também lá deixei
papel e embarcação
no mais sou um seu criado,
Cristovão Carlos Galvão

Abriu então outra carta
viu que Paulo a escreveu,
pela a letra do marido
certo é que a conheceu,
tinha sido um plano certo
que o traidor concebeu

Então Minerva dizia:
 oh! vida sem esperança
 perdi meu pai tão pequena
 casel-me quase criança
 ficar viúva assim tão moça
 uma alma assim não descansa!

Margarida, a sua aia
 em soluço se afogava
 o mulato ocultamente
 risinho se conservava
 contando com dez mil libras
 que o novo patrão lhe dava

Minerva fitou o céu
 exclamou: oh! meu Senhor
 Deus e homem verdadeiro
 meu pai e meu protetor
 ora! por esta infeliz
 meu Jesus, por vosso amor!

E vós oh! Virgem Maria
 bem sabels quanto é a pena
 pois na morte de teu filho
 passaste uma horrenda cena
 dai-me o conforto que destes
 à contrita Madalena!

Depois de oito ou dez dias
 foi despedido o mulato
 disse Minerva: da horta
 eu sozinho mesmo trato
 ele dizia consigo:
 eu dou-te lição de gato

Depois de um ou dois meses
 o Pekin apareceu
 foi a casa de Minerva

e ela não o recebeu
 porque quando ouviu ele falar
 o coração lhe bateu

O traidor não sabia
 que meio havia de achar
 a força era impossível
 tinha a lei para empatar
 pensava de dia e de noite
 que meio podia empregar

Ele escreveu a Minerva
 falando do ocorrido
 dizendo: eu fui o maior
 amigo do seu marido
 e tenho uma carta dele
 que fala nesse sentido

Desejava a sua mão
 visto lhe ter amizade
 pois desejava fazer
 a sua felicidade
 sou novo, rico e solteiro
 devo ter prosperidade

Minerva mandou dizer-lhe
 que ficava agradecida
 dele ter essa lembrança
 em fazer dela escolhida
 já tinha jurado a Deus
 desprezar tudo na vida

Pekín pediu a uma freira
 lhe pedindo que fizesse
 com que Minerva amansasse
 e ela mesmo dissesse
 podia pedir a ele
 a quantia que quisesse

Então a freira lhe disse
 que sabia uma oração
 que rezada abrandaria
 a qualquer um coração
 ainda sendo de fera,
 quanto mais quem é oristão

A freira foi a Minerva
 com um recado flogido:
 há três noites que eu sonho
 com a alma do seu marido
 que mandou dizer por mim
 que não falte seu pedido

Pekin tinha dito a freira
 tudo que tinha passado
 só não lhe contou o modo
 que foi Paulo assassinado
 mas o resto do segredo
 lhe havia revelado

Minerva disse: é trama
 que esta freira quer armar
 mas o segredo da carta
 onde ela podia achar?
 e disse a freira: nem Deus
 pode obrigar-me a casar.

A velha voltou e disse:
 eu não pude fazer nada
 a viúva é uma fera
 não há quem tome chegada
 ouve falar no marido
 chora como uma danada

Pekin suspirando disse:
 foi debalde o meu lutar!
 a freira disse: eu vou ver

se a posso narcotizar;
disse Pekin: é o meio
porque a posso pilhar

Foi a bordo e preveniu
a toda tripulação
dizendo: hoje não sai
ninguem dessa embarcação,
saiu com seis marinheiros
que tinha disposição

Foi onde estava a freira
disse ela: preparei
levei o liquido daqui
que com um quimico arrumei
achei ela descuidada
no bule do chá botei

Aí Pekin disse a freira:
existe aqui um mulato
que foi empregado dela
o Aureliano Gato
conhece todo o segredo:
a freira disse: eu o mato

Chamou o mulato e deu-lhe
o veneno e ele bebeu
com dez minutos depois
na sala ele morreu
disse a freira: a hora é própria
ele já adormeceu

Levaram uma chave falsa
com ela abriram o portão
abriram a porta da frente
passaram pelo salão
estavam Minerva e a tia
dormindo ao pé do fogão

Então trazia um berço
da forma de uma liteira
e disse: siga com ela;
e aí matou a freira
deixou-a sobre o sofá
disse: fica, alcoviteira!

Quando Minerva acordou
estava num leito importante
num camarote soberbo
um objeto galante
nas borlotas das cortinas
em cada uma um brilhante

Assim que Minerva acordou
e viu Pekin a seu lado
exclamou: o que foi isso?
Deus terá me castigado?
onde estou? que casa é esta?
oh! Deus, olhai meu estado!

Pekin na beira do leito
se ajoelhou soluçando
—Perdão! perdão! minha bela!
exclamou se lastimando,
perdoa a este infeliz
que aqui está te adorando!

Então perguntou Minerva;
como foi que vim aqui?
será por acaso um sonho
não é porque não dormi:
por caridade me diga
quem és tu que estás aí!

—Sou eu, respondem Pekin
aquele que te escreveu
que assassinou teu marido

no dia que faleceu;
 ela aí deu uma síncope
 fechou os olhos e gemeu
 Pekin foi ver chocolate
 pediu para ela aceitar
 Minerva aí calculou
 que era feio recusar
 Pekin deixou-a sozinha,
 para não a perturbar

Minerva com Margarida
 estava em uma conversa
 sem saberem porque meio
 lhe fizeram aquela peça
 então Margarida disse:
 ele a senhora confessa
 Finja lhe ter amizade
 exija uma condição
 de lhe respeitar a honra
 enquanto não der-lhe a mão
 só assim nós poderemos
 sair desta embarcação

Chegou Pekin muito alegre
 Minerva o cumprimentou
 Pekin ficou tão contente
 que de alegre não falou
 fitando os olhos em Minerva
 como uma estatua ficou
 Disse Minerva: o senhor
 pode um favor me fazer?
 --Não sendo para deixar-te,
 o mais fácil é obter,
 toda que fosse meu sangue,
 que desejasses beber

—O senhor, trouxe-me aqui
me diga qual intenção?
isto perguntou Minerva
na maior perturbação
então respondeu Pekin:
meu desejo é dar-te a mão

—Pois bem, respondeu Minerva
visto querer me esposar
quero pedir ao senhor
que queira me respeitar
só me considero sua,
no dia que me casar.

—Pois não; respondeu Pekin
você está em seu direito,
com esta resolução
eu fiquei mais satisfeito,
já conheci que a senhora,
exige muito respeito.

Disse Pekin a Minerva:
pode escolher o país
aonde quiser casar
hoje eu me julgo feliz;
disse Minerva: por mim
dou preferência a Paris.

Pekin ficando contente
revelou todo passado;
o mulato que a freira
tinha o envenenado,
disse que a freira foi morta,
por mão de 1 seu empregado

Descobriu mais pela forma
que a tinha narcotizado,
condenando só a freira

dizendo a ter enganado
e levantando mais outra
da freira um falso recado

Minerva pediu a ele
que passasse por Cadi
que ela queria pagar
uma promessa em Madri
para rever uma igreja
dum santo que havia ali

Disse Pekin: não há dúvida
é perto, posso passar
demoro lá uns dois dias
dou tempo a você chegar
agora lembrou-me até
tenho um negócio a tratar

Chegando então a Cadi
Minerva lhe quis chamar
pois assim era mais fácil
Pekin não desconfiar
diz ele: vai meu criado
não tem o que recear

Alugou o melhor carro
que no ponto apareceu
mil contos de réis em jóias
a Minerva Pekin deu
perguntou ele a Minerva:
aceita um abraço meu?

— Aceito, respondeu ela
sentindo na alma um assombro
Minerva quase que morre
dando um pequeno t-ombo
ele com muito respeito
pôs-lhe a mão sobre o ombro

Saíram e Bulafer
tambem a acompanhou
ele se arrependeu tarde
e aí desconfiou
ele sabia o que fez
o remorso o acusou

Chamou um criado velho
e disse: você vá
a Madri, não perca tempo
veja o que se passa lá
se houver causa contra mim
telegrafe para cá

Ele chegando em Madri
logo ao entrar na cidade
Minerva se dirigiu
a primeira autoridade
fez o lónte ao commissário
de sua infelicidade

O comandante dali
era um homem justiceiro
prendeo no mesmo momento
o criado e o boleeiro
telegrafou pra Cadi
que prendesse o traícoeiro

Porem o criado velho
de tudo tinha sabido
telegrafou a Pekin:
patrão, negocio perdido!
telegrafou noutro nome
para não ser conhecido

Pekin com essa noticia
conheceu a perdição
abriu o ferro da baroa

que estava de prontidão
vendo a hora que a justiça
podia lançar-lhe a mão

Bulafer descobriu tudo
quando foi ao tribunal
Minerva tomou o trem
regressou a Portugal
ficando ali nca cuidados
da força policial

Pekin pensava em Minerva
rugia como um leão
dizendo: antes perdesse
a minha tripulação

até mesmo a própria barca
fosse de encontro a um tufão

Vamos tratar sobre Paulo
quando o tiro recebeu
caindo dentro do rio
na correnteza desceu
depois pegou-se em um pau
segurou-se e não morreu

Quando foi no outro dia
o marinheiro o achou
Paulo estava quase morto
um marinheiro o salvou
pôde lhe extrair a bala
depois a fistula sarou

Não sabia porque forma
tinha sido essa traição
Paulo não tinha inimigo
disse o marinheiro: então
foi a mulher, não foi mais nada
que causou essa questão

— Minha mulher, disse Paulo
não creio que me traísse
respeitava minhas cinzas
inda que eu não existisse
não creio inda que a sorte
por castigo permitisse

Estavam ali há dois anos
comendo cabra montês
um dia estavam sentados
se maldizendo talvez
quando viram uma bandeira
de um biate português

Paulo pedindo socorro
velo um bote os buscar
Paulo soluçava tanto
que não podia contar
depois de cinco ou seis horas
foi quando pode falar

Afinal levaram Paulo
à sua terra natal
com seis meses de viagem
chegou ele em Portugal
jurou de não fazer a barba
antes de ver seu rival

Paulo saltou e foi logo
para sua habitação
eram três horas da tarde
quando bateu no portão
Margarida quando o viu
gritou logo: é um ladrão!

— Ladrão o quê, Margarida
Paulo logo respondeu
não sou Paulo de Alheiro?

Margarida entureceu
dizendo: meu amo, não
esse há dois anos morreu!

E chamou pela policia
deram-lhe voz de prisão
disse Paulo: diga a Minerva
que chegue aqui no portão;
Minerva de longe vendo
confirmou: é um ladrão!

Minerva, coltada, vendo
o que tinha acontecido
devido a carta de Paulo
que já tinha recebido
não podia vir-lhe à mente
que aquelo fosse seu marido

Paulo quando viu Minerva
deu-lhe uma síncope, caiu
soltou um grito tão grande
que a mulher do quarto ouviu
exclamou: oh! que desgraça
minha mulher me traiu!

Nada mais disse à policia
e seguiu para a prisão
dando-lhe muitas vertigens
naquela perturbação
estava da cor de tinta
o sangue do coração

No outro dia às dez horas
Paulo foi interrogado
porem nada respondeu
do que lhe foi perguntado
nisto chega o marinheiro
que a Paulo tinha salvado

Sr. comandante, está preso?
perguntou o marlheiro
o juiz lhe perguntou:
conhece o prisioneiro?

—Conheço, disse o grumete
pois não é Paulo de Alheiro?

—Paulo não, disse o juiz
Paulo faleceu no norte

—Não senhor, respondeu Paulo
o poder de Deus é forte
a mulher mandou matar-me
mas Deus revogou a sorte

—Mas quem é sua mulher?

interrogou o juiz

—Não é Minerva de Alheiro?

o ente mais infeliz,

interrogue este grumete

que sabe tudo e lhe diz

Então o grumete disse
tudo que tinha se dado
deu os sinais de Pekin
mas com o nome mudado
o juiz disse: senhor Paulo
você está mal informado

—Dr. eu não sou criança
respondeu Paulo de Alheiro
minha mulher me traiu
com aquele traiçoeiro
e para melhor provar
fiz-me até prisioneiro

—Vá chamar dona Minerva
disse o juiz a um soldado
disse Paulo: antes eu quero

ser agora degolado
do que olhar a mulher
por quem eu sou ultrajado!

Dou-lhe a metade dos bens
se o senhor dispensar
obrigar-me a ver Minerva
é mais do que me matar;
de súbito chegou Minerva
Paulo não pode falar

Quando Minerva chegou
que conheceu o marido
pensou logo na ingratidão
que já tinha cometido
devido a barba de Paulo
que muito tinha crescido

Caiu-lhe aos pés, de joelhos
e lhe pediu por caridade
que liquidasse seus dias
indo com rigoração
dizendo: creia por Deus
não o conheci ontem a tarde

--Mulher! exclamava Paulo
inda não estás consolada
de mandar-me tirar a vida
por meio de uma cilada?
mostrou-lhe a flatula do tiro
que ainda não estava sarada

Te iludiste com um malvado
projetando me ofender
eu para ti já morri
nada mais tenho a dizer
inda cheguei inocente
tu me mandaste prender!

Minerva exclamou: oh! Paulo
 não me levantes um falso
 eu estive em condição
 como um réu no cadafalso
 Deus vendo nossa inocência
 livrou-me deste embaraço

Ela aí puxou as cartas
 que do correio recebeu
 entregou na mão de Paulo
 ele abriu a carta e leu
 Minerva aí perguntou-lhe:
 não foi você que escreveu?

Paulo ao ler as tais cartas
 deu-lhe uma sufocação

—Foi exato, disse Paulo
 escrevi-as com minha mão
 aí contou a miúdo
 como se fez a traição

Oh! Minerva, me perdoa
 a minha grande maldade
 tive razão de clamar
 pelo que deu-se ontem a tarde
 eu ainda hei de vingar-me
 daquele infeliz covarde!

Paulo comprou um blate
 então se lançou ao mar
 disse a Minerva: você
 por mim não tem de esperar
 vou por todo mundo a fora
 até Pekin encontrar

Escolheu dez marinheiros
 e largou-se no oceano
 levaram água e comida

para passar mais de um ano
foi o destino mais forte
que se viu no corpo humano

Andaram mais de dois anos
sem poder Pekin achar
uma noite muita escura
viram um farol no mar
e Paulo apagou o dele,
para se certificar

—É Pekin; disse o grumete
eu conheço o farol dele
navio ancorado ali
ou é pirata ou é ele;
disse Paulo: se preparem
vamos fazer fogo nele

Disse um velho marinheiro:
faça-se averiguação
pode ser algum navio
de outra qualquer nação;
disse Paulo: se for ele
eu quero pegar-lhe a mão

Com menos de duas horas
tudo ali se convenceu
Paulo aproximou-se dele
que era Pekin conheceu
ele deu fé que era Paulo
abriu o ferro e correu

Paulo seguiu atrás dele
como um leão furioso
como um cão com hidrofobia
desesperado e raivoso
em seis dias de viagem
Paulo não teve um repouso

Correram vinte e seis dias
pelo mar desconhecido
passaram cabo e estreitos
onde ninguém tinha ido
disse Paulo: eu me viço
ou no mar sou consumido

Um dia pelas seis horas
Pekin aí desgraçou-se
o barco lá tão veloz
bateu numa pedra e furou-se
não tinha mais o que fazer
Pekin aí entregou-se

— Miserável! exclamou Paulo
estás agora em meu poder
aqui mesmo eu não te mato
pois Minerva há de te ver
numa praça em Portugal
há de em uma forca morrer

Ele nada disse a Paulo
perdeu de tudo a ação
espumava pela boca
que parecia um leão
Paulo botou-o nos ferros
e levou-o no porão

Chegou preso em Portugal
e quando desembarcou
a justiça veio ver

Minerva se apresentou
assim que ele viu Minerva
calu no chão, exclamou:

Ainda preso e quase morto
nesta desgraça em que estou
tenho o prazer de olhar

esta que me enfeitigou!
 acenou-lhe com a mão
 neste momento expirou

Paulo aí sim, fez a barba
 pagou a tripulação
 largou a vida do mar
 descansou seu coração
 foi viver com a mulher
 na antiga habitação

No enterro de Pekin
 foi no bolso dele achado
 o papel de um testamento
 muito bem documentado
 feito por tabelião
 e por Pekin assinado

Achou-se o teor seguinte:
 «em Pekin homem solteiro
 com trinta e seis anos justos
 constituo o meu herdeiro
 de todos os meus possuidos
 dona Minerva do Alhelros

Ainda mesmo que seja
 assassinado por ela
 declaro hoje e assino
 todos meus bens serão dela
 dona Minerva de Alhelro
 tem todo direito nela

Sou livre e desempedido
 capitalista solteiro
 não tenho pai e nem mãe
 nem quem seja meu herdeiro
 acharam as letras do banco
 onde ela tinha dinheiro

Encontrou-se outro papel
 onde Pekin escreveu
 a exclamação que fez
 quando a Minerva perdeu
 amaldiçoou o dia
 e a hora em que nasceu

«Minerva, anjo divino
 doce e feliz companhia
 flor das flores, anjos dos anjos
 se eu tornasse a ver-te 1 dia
 ainda tu me matando
 a morte eu não sentiria

Sem ti eu me considero
 barco sem vela e sem norte
 morrendo em tua presença
 não julgo ruim a sorte
 vendo a tua linda imagem
 na hora da minha morte!

De que me servem os milhões
 que tenho de contos de réis
 não possuindo uma jóia
 de valor quanto tu és
 antes eu pedisse esmola
 comendo o pão a teus pés!

O cão que tinhas na horta
 era mais feliz que eu
 pois tu sorrindo passava-lhe
 a mão pelo lombo seu
 que glória! que encanto doce
 aquele cão recebeu!

Sou um pobre desgraçado
 da sorte desprotegido
 amei e não fui amado

quis, tanto e não fui querido
 dinheiro não é fortuna
 se fosse eu era servido!

Com todo desprezo seu
 não maldigo o nome dela
 antes peço a Divindade
 que não desampare ela
 é muito raro encontrar-se
 outra mulher como aquela!

Esteve em meu poder seis meses
 com toda dignidade
 seu caráter para mim
 tinha toda autoridade
 eu era o vassalo dela
 ela, real majestade.

Oh! Minerva, anjo ditoso
 o quanto bela tu és
 eu sou como um cão leproso
 nas agonias cruéis
 suplica amores ao dono
 o dono mete-lhe os pés!

Eu morrendo o que possuo
 ficará em nome teu
 te peço por tua honra
 aceita tudo que é meu
 quero que goze meus bens
 um mais feliz do que eu!

Deus queira gular-te os passos
 lá por onde tu andares
 eu carpirei o destino
 aqui nas ondas dos mares
 onde falta-me a alegria
 onde sobra meus pezares!

Onde o silencio me traz
 recordação dolorosa;
 momento que me julgava
 ser a alma mais ditosa
 porque olhava um momento
 tua imagem melindrosa'

Pois eu nunca tinha visto
 uns olhos como estes teus
 olhar de um fluido atrevido
 que cativaram os meus
 de cada vez que olhava
 via um sorriso de Deus!

— Não queremos nada dele
 disse Paulo a mulher
 todo testamento dele
 fique para quem quiser
 nós não queremos tocar
 em nada que ele tiver

Disse o juiz: nesse caso
 se lembre da caridade
 mande tirar o dinheiro
 e comprar propriedade
 para remir a pobreza
 e criar a orfandade

Levaram a procuração
 Minerva então assinou
 fez presente a caridade
 nela também não tocou
 deu tudo aos desamparados
 amparando as desgraçados
 com o dinheiro que ficou

— F I M — Juazeiro, 27-12-76

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina — Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R.N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSE DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Ônibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Baixo Cruz das Almas — Macaé — Al.